

# Revista de Comunicação Científica: RCC



# ARTIGO

## ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO VI: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE AS TIC'S EM UM ESPAÇO NÃO ESCOLAR

Supervised curriculum internship VI: a report of experience  
about itics in a non-school space

Prácticas supervisadas del currículo VI: informe de  
experiencia sobre itics en un espacio no escolar

Tiago dos Santos Rodrigues  
Graduado em Pedagogia pela Fundação  
Universidade Federal de Rondônia. Professor da  
educação básica do município de Cáceres-MT,  
Mestrando em Educação do PPGEDU-UNEMAT.  
E-mail: Tiago-dsr20@hotmail.com

Cristiane Santana de Arruda  
Graduada em Pedagogia pela UNEMAT.  
Professora da educação básica do município de  
Cáceres-MT, Mestranda em Educação do  
PPGEDU/UNEMAT.  
E-mail: cristiane.arruda@unemat.br

Rodolfo Cláudio da Cruz  
Graduado em Pedagogia pela Universidade do  
Estado de Mato Grosso. Mestrando em Educação  
pelo PPGEDU/UNEMAT.  
E-mail: rodolfocruz@unemat.br

Lourdes Aparecida de Souza  
Professora da educação básica do município de  
Cáceres-MT. Mestre em Educação pelo  
PPGEDU/UNEMAT.  
E-mail: lourdes.souza@unemat.br

Como citar este artigo:  
RODRIGUES, Tiago dos Santos; ARRUDA,  
Cristiane Santana; CRUZ, Rodolfo Cláudio;  
SOUZA, Lourdes Aparecida. Estágio curricular  
supervisionado VI: um relato de experiência sobre  
as TIC's em um espaço não escolar. In: **Revista de  
Comunicação Científica – RCC**, Maio./Set., Vol. 1,  
n. 8, pgs. 122-131, 2021. ISSN **2525-670X**.

Disponível em:  
<https://periodicos.unemat.br/index.php/RCC/index>

Volume I, número 8 (2021)  
ISSN 2525-670X

## **ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO VI: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE AS TIC'S EM UM ESPAÇO NÃO ESCOLAR**

Supervised curriculum internship VI: a report of experience about itics in a non-school space

Prácticas supervisadas del currículo VI: informe de experiencia sobre itics en un espacio no escolar

### **Resumo**

O presente artigo é um recorte que atende as orientações do “Seminário Interdisciplinar”, sendo este componente da Matriz Curricular do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Estado de Mato Grosso, Campus de Cáceres – Jane Vanini. O objetivo central deste trabalho é versar sobre um relato de experiência, que ocorreu durante o Estágio Curricular Supervisionado VI e o uso das TIC's (Tecnologias da Informação e Comunicação) em um espaço não escolar. A coleta de dados foi obtida a partir da observação no CRAS (Centro de Referência e Assistência Social) no ano de 2017, no Município de Araputanga-MT. Nosso aporte teórico: Araújo e Neta (2015); Gonh (2009); Libâneo (2002 e 1996); Azevedo et al. (2014) e outros. Ao término desta produção científica constatamos a gama de possibilidades em usufruir, das TIC's, seus benefícios e recursos.

**Palavras chave:** Tecnologia, Alfabetização tecnológica, Espaço não escolar.

### **Abstract**

This article is an excerpt that meets the guidelines of the “Interdisciplinary Seminar”, which is a component of the Curricular Matrix of the Pedagogy Degree Course at the University of the State of Mato Grosso, Cáceres Campus – Jane Vanini. The central objective of this work it is about an experience report, which occurred during Supervised Curricular Internship VI and the use of ICTs (Information and Communication Technologies) in a non-school space. Data collection was obtained from observation at CRAS (Reference and Social Assistance Center) in 2017 in the municipality of Araputanga-MT. Our theoretical contribution: Araújo and Neta (2015); Gonh (2009); Libâneo (2002 and 1996); Azevedo et al. (2014) and others. At the end of this scientific production, we found the range of possibilities in taking advantage of ICTs, their benefits and resources.

**Keywords:** Technology, Technological literacy, Non-school space.

### **Resumen**

Este artículo es un extracto que responde a los lineamientos del “Seminario Interdisciplinario”, el cual es un componente de la Matriz Curricular de la Licenciatura en Pedagogía de la Universidad del Estado de Mato Grosso, Campus Cáceres – Jane Vanini. El objetivo central de este trabajo se trata de un relato de experiencia, ocurrida durante la Pasantía Curricular Supervisada VI y el uso de las TIC (Tecnologías de la Información y la Comunicación) en un espacio no escolar. La recolección de datos se obtuvo de la observación en el CRAS (Centro de Referencia y Asistencia Social) en 2017 en el municipio de Araputanga-MT. Nuestro aporte teórico: Araújo y Neta (2015); Gonh (2009); Libâneo (2002 y 1996); Azevedo et al. (2014) y otros. Al final de esta producción científica, encontramos el abanico de posibilidades para aprovechar las TIC, sus beneficios y recursos.

**Palabras clave:** Tecnología. Alfabetización tecnológica. Espacio no escolar.

## **Introdução**

Este trabalho foi desenvolvido em cumprimento às exigências curriculares do Curso de Pedagogia da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT, na proposta de realização do Seminário Interdisciplinar<sup>1</sup>, tendo como eixo temático: *a integração dos saberes teórico-metodológicos disciplinares na prática docente em espaços não escolares.*

Vale ressaltar que a oitava esfera do curso de licenciatura em Pedagogia, da UNEMAT, campus de Cáceres, é constituída por cinco disciplinas, sendo elas: Estágio Curricular Supervisionado VI (em espaços não escolares); Organização e Gestão da Educação em espaços escolares e não escolares; Educação e as Tecnologias da Informação e da Comunicação; Cultura, Diversidade e Relações Étnico-raciais; e Conteúdos e Metodologias das Artes para o início da Escolarização. É a partir dos diferentes saberes inerentes a cada área, que apoiamos, preparamos e sustentamos a realização do Estágio Curricular Supervisionado VI; vale ressaltar que é por meio do estágio que podemos compreender de modo efetivo a articulação necessária entre teoria e prática, e propusemos versar sobre uso das TIC's (Tecnologias da Informação e Comunicação) neste espaço.

O Estágio Curricular Supervisionado foi desenvolvido no Centro de Referência e Assistência Social (CRAS), no município de Araputanga- MT. Um lugar propício para estabelecer relações sociais com pessoas advindas de diferentes contextos. De acordo com Gohn (2009, p. 31):

As práticas da educação não-formal se desenvolvem usualmente extramuros escolares, nas organizações sociais, nos movimentos, nos programas de formação sobre direitos humanos, cidadania, práticas identitárias, lutas contra desigualdades e exclusões sociais. Elas estão no centro das atividades das ONGs nos programas de inclusão social.

Nesta perspectiva, a Educação não-formal engloba um conjunto de saberes que buscam potencializar o desenvolvimento de relações, produções, trabalhos coletivos e a valorização na interação com os sujeitos da comunidade de

---

<sup>1</sup> O “Seminário Interdisciplinar” é um dos cumprimentos às exigências curriculares do Curso de Pedagogia da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT, um momento de integrar e articular os saberes constituintes das disciplinas cursadas durante o semestre com o Estágio Curricular Supervisionado.

aprendizagem. É no desenvolvimento de atividades diferenciadas que os aspectos políticos e sociais são trabalhados de forma simultânea, permitindo, assim, que as pessoas que participam destes espaços possam despertar o seu senso crítico, tornando-se autônomos em suas decisões e ações. Gohn (2009, p. 31) nos informa que

a educação não-formal designa um processo com várias dimensões, tais como: a aprendizagem política dos direitos dos indivíduos enquanto cidadãos; a capacitação dos indivíduos para o trabalho, por meio da aprendizagem de habilidades e/ou desenvolvimento de potencialidades; a aprendizagem e exercício de práticas que capacitam os indivíduos a se organizarem com objetivos comunitários, voltadas para a solução de problemas coletivos cotidianos; a aprendizagem de conteúdos que possibilitem aos indivíduos fazerem uma leitura do mundo do ponto de vista de compreensão do que se passa ao seu redor; a educação desenvolvida na mídia e pela mídia, em especial a eletrônica, etc. São processos de auto-aprendizagem e aprendizagem coletiva adquirida a partir da experiência em ações organizadas segundo os eixos temáticos: questões étnico-raciais, gênero, geracionais e de idade, etc.

É dentro destas relações de aprendizagem que o educador social é um agente de extrema importância, atuando diretamente com um público, em sua maioria, advindo de situações diversas, como: exploração ou abuso sexual, exploração de trabalho infantil, violência doméstica, convivência com usuários de drogas, vítimas de preconceito, dentre outros fatores.

Sabedores de que a ação educativa acontece em todos os espaços que permeiam a sociedade, de acordo com Libâneo (2002, p. 28), “verifica-se hoje, uma ação pedagógica múltipla na sociedade. O pedagógico perpassa toda a sociedade, extrapolando o âmbito escolar formal, abrangendo esferas mais amplas da educação informal e não-formal”. Sendo assim, podemos compreender que o papel do pedagogo vai além da sala de aula, ou seja, há uma diversidade de práticas educativas, as quais se configuram como uma ação pedagógica escolar e extra-escolar; assim, ele considera que:

O pedagogo é o profissional que atua em várias instâncias da prática educativa, direta ou indiretamente ligadas à organização e aos processos de transmissão e assimilação ativa de saberes e modos de ação, tendo em vista objetivos de formação humana definidos em sua contextualização histórica. (LIBÂNEO, 1996, p. 127).

Diante destes apontamentos, fica evidente a responsabilidade que o pedagogo possui, se adequando e se refazendo aos espaços, aos tempos e inúmeros sujeitos com suas singularidades. Segundo Gadotti (2005, p. 2 *apud* ARAÚJO, 2018, p. 2):

O tempo da aprendizagem na educação não formal é flexível, respeitando as diferenças e as capacidades de cada um, de cada uma. Uma das características da educação não formal é a sua flexibilidade, tanto em relação ao tempo, quanto em relação à criação e recriação dos seus múltiplos espaços.

É a partir dos diferentes públicos e espaços que são organizados tempos, atividades, materiais e espaços, visando sempre uma aprendizagem significativa, e que permita o desenvolvimento social, cultural e econômico.

### **1. Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC's) e Observações e Experiências no Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (CRAS)**

Discorrer sobre Tecnologia da informação e Comunicação (TIC's) é algo complexo, em virtude de estarmos vivendo em uma sociedade que passa por constantes mudanças, nos diversos campos da ciência. Diante disso, recorreremos às palavras de Azevedo et al. (2014, p. 218-219) que afirmam:

O avanço tecnológico ao redor do mundo e em todas as áreas de atuação da sociedade aconteceu de uma maneira muito rápida. No Brasil, foi a partir dos anos 90 que as novas tecnologias se tornaram disponíveis, revolucionando os formatos de interação entre as pessoas, estabelecendo contatos rápidos e globalizados, formando comunidades que trocam informações e diversas formas de conhecimento.

Nesta perspectiva, alertamos sobre como os autores citados acima aludem em relação à percepção que a maioria das pessoas possui, quando o assunto é tecnologia. Tais palavras nos remete à lembrança dos avanços dos recursos digitais, celular, computador, aparelho de TV, internet, etc. Desse modo, queremos destacar que a tecnologia não está ligada apenas ao uso destes recursos tecnológicos, mas devemos considerar que o patamar atual é reflexo de pequenas mudanças que surgiram afim de facilitar, ou melhorar alguma condição, em determinada área.

Podem ser considerados como tecnologia, os avanços que ocorrem dentro de um período ou época específica. Conforme Anjos, Couto e Oliveira (2011, p. 147):

O livro, no seu formato impresso, é uma herança cultural da humanidade, pois ele foi escolhido como fonte principal para preservação e difusão da cultura. No entanto, vários caminhos foram percorridos, do rolo ao códex, até chegar a esse formato impresso que conhecemos, considerado uma forma segura de preservar as experiências e os conhecimentos.

Com esta forma de registrar as informações, Anjos, Couto e Oliveira (2011, p. 147) enfatizam que, “essa tecnologia permitiu que o registro de fatos e ideias resistissem ao tempo, independente do desempenho oral e da memória, diminuindo também o risco de distorções na retransmissão”.

Nesta perspectiva, e pensando na educação, seja ela em espaços escolares ou não escolares, Almeida et al. (2014, p. 234) destacam que:

O desafio não está em conhecer os recursos tecnológicos e aprender a manuseá-los, mas recriar uma metodologia que não apenas use tais recursos como uma transposição do tradicional para o digital, mas que de fato aproveite as diversas ferramentas e construa um aprendizado em que o aluno interaja, receba e partilhe o conhecimento, saiba fazer uso da informação de maneira a construir autonomia e autoria.

Pensando na possibilidade de favorecer o acesso a informações e, ao mesmo tempo, conseguir estabelecer condições de aprendizagem que sejam significativas, é um dos principais desafios da sociedade contemporânea. Os apontamentos permitem compreender que o uso da tecnologia, como mecanismo para facilitar o acesso a informações, seja em espaços escolares ou não, é algo de extrema relevância.

Nesta perspectiva, o pedagogo, enquanto profissional habilitado para atuar em diferentes espaços e diferentes públicos, deve acompanhar e identificar qual a melhor forma de utilizar essa tecnologia, a seu favor. Compartilhando desta percepção as autoras Sampaio e Leite (*apud* CORRÊA, 2016, p. 1060):

Caracterizam a alfabetização tecnológica do professor como um processo contínuo e crítico no qual o docente necessita interpretar a linguagem tecnológica construindo outras maneiras de expressá-las e questionando-se como, quando e porque estas são importantes no processo de ensino aprendizagem.

É com base nestas informações que buscamos analisar como essas tecnologias são utilizadas nos espaços não escolares.

## **2. Observações e experiências no Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (CRAS)**

O Estágio Curricular Supervisionado VI foi desenvolvido no Centro de Referência e Assistência Social – CRAS, que atende as famílias, gestantes, idosos, crianças e adolescentes da faixa etária de 6 a 17 anos, cada um dentro de suas especificidades. No que se refere ao atendimento das crianças e adolescentes do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos – SCFVs, as atividades são desenvolvidas nas segundas, terças, quartas e quintas-feiras, no período tanto matutino quanto vespertino.

São responsáveis por investigar e identificar as crianças e os adolescentes que se enquadram no programa, dois profissionais com formação em Licenciatura e Bacharel em Educação Física (instrutor de atividades Físicas), que auxiliam no atendimento das crianças e dos adolescentes, juntamente com a coordenadora social, formada em Análise de Sistemas, e duas técnicas, sendo uma Assistente Social e uma Psicóloga.

No decorrer do estágio, na fase de observação, foi possível identificar que o acesso à tecnologia, em especial a área da informática básica, é oferecido às crianças e aos adolescentes que frequentam o SCFV, no entanto apenas algumas meninas participam (três). A criança ou adolescente escolhe se quer fazer essas aulas, ou se quer participar de momentos de brincadeiras em diferentes espaços. Outro ponto importante foi o relato de um dos professores, dizendo que quando eles tentam oferecer algo fora da rotina, como assistir filme, tal prática acaba sendo vista como nada mais do que um passatempo, ou “preenchimento” do tempo. No entanto, o professor fez uma observação importante: às vezes as pessoas nos vêm assistindo, e não param para analisar o contexto do filme, qual a sua relevância, bem como a análise que pode ser feita a partir dele.

Na fase de regência, a proposta foi de desenvolver um projeto de intervenção que pudesse envolver a pintura. Partindo deste pressuposto, buscamos desenvolver

oficinas que envolvessem a arte<sup>2</sup>, utilizando recursos diferenciados, tais como pintura em papel cartão, pintura em tela, e confecção de mosaicos. Durante a prática, os participantes puderam pintar em papel cartão, utilizando tinta, pigmento e pincéis. Outra prática foi a pintura em tela, seguida de colagem de botões, confecção de mosaicos com temas africanos<sup>3</sup> (cola, tesoura e papel cartão).

A partir destas oficinas, podemos fazer uma análise de como ocorreu o uso da tecnologia na fase da regência. Inicialmente, utilizamos papéis e canetas, para fazermos o registro das observações, e esquematizar como seria a sequência pedagógica do projeto. Em seguida utilizamos, como suporte para pesquisas, o *notebook* e a *internet*, seguidos do uso da impressora. Diante da utilização destes recursos e materiais, compreendemos que houve o uso da tecnologia no decorrer do estágio, embora ela não tenha sido a ação direta, ou seja, o nosso ponto de partida possibilitou o planejamento e a execução de um bom trabalho.

A tecnologia mais atual, que faz parte do nosso cotidiano, e que esteve presente durante todo o processo de Estágio foi o uso do aparelho de celular; com ele, tanto professores, quanto estagiários e participantes do SCFV, registraram os momentos de experiências oportunizadas no decorrer do estágio.

### **Considerações Finais**

Ao término deste estudo, compreendemos que o estágio em um espaço não escolar possibilita uma maior flexibilidade, com relação à organização de tempos e espaços; além disso, as disciplinas cursadas durante nossa trajetória acadêmica, no curso de pedagogia, nos permitem atuar de forma segura, tendo o senso crítico para perceber as condições dos espaços e os processos de ensino, sendo capazes de relacionar com as bases teóricas e práticas, desenvolvidas no decorrer do semestre.

Diante do que foi exposto neste texto, destacamos que o Estágio Curricular Supervisionado é uma prática de muita relevância para a formação acadêmica e, ao referirmos às TIC's, principalmente na atualidade, enfatizamos que estar em sintonia

---

<sup>2</sup> “A experiência que a Arte nos proporciona é, sem dúvida, prazerosa. E este prazer provém da vivência da harmonia descoberta entre as formas do objeto estético” (DUARTE JÚNIOR, 1988, p. 59).

<sup>3</sup> Por meio da utilização da técnica de mosaicos e com o tema escolhido, foi possível realizar o diálogo e mostrar por meio da Arte alguns elementos destes povos.

e em atualização com os avanços da contemporaneidade é uma prática indispensável, pois, além de conhecer, podemos também usufruir de seus benefícios e recursos, visando sempre possibilitar aprendizagens significativas, dinâmicas e atrativas aos públicos com os quais atuamos.

## **Referências**

ANJOS, R. M. P.; COUTO, E. S.; OLIVEIRA, M. C. Leitura e escrita on-line. In: BONILLA, M. H. S.; PRETTO, N. D. L. (Orgs.). **Inclusão digital: polêmica contemporânea** [online]. Salvador: EDUFBA, 2011, p. 145-162. ISBN 978-85-232-1206-3. Available from SciELO Books. Disponível em: <<http://books.scielo.org>>. Acesso em: Jan. 2018.

ANSCHAU, C.; SCHNEIDERS, N.; PASCHOALI, D. R. **A prática pedagógica em espaços não escolares: uma nova perspectiva de atuação**. Disponível em: <[http://eventos.seifai.edu.br/eventosfai\\_dados/artigos/semic2016/381.pdf](http://eventos.seifai.edu.br/eventosfai_dados/artigos/semic2016/381.pdf)>. Acesso em: Jan. 2018.

ARAÚJO, A. C. de; NETA, M. S. Estágio curricular supervisionado em ambientes não escolares: reflexões e olhares. In: VI EDIPE - Encontro estadual de docência e práticas de ensino. **Anais...** Goiânia – GO, 10 a 13 de novembro de 2015. Disponível em: <[http://www2.unucseh.ueg.br/ceped/edipe/anais/viedipe/PDF/GT9%20Did%20Prat%20Estagio%20pdf/Gt9\\_artigo\\_estagio\\_curricular\\_supervisionado\\_em\\_ambientes\\_ao\\_escolares.pdf](http://www2.unucseh.ueg.br/ceped/edipe/anais/viedipe/PDF/GT9%20Did%20Prat%20Estagio%20pdf/Gt9_artigo_estagio_curricular_supervisionado_em_ambientes_ao_escolares.pdf)>. Acesso em: Jan. de 2018.

ARAÚJO, J. P. O estágio em ambientes não escolares na formação inicial de professores: relato de experiência. In: EDUCERE - XIII Congresso Nacional de Educação. **Anais...** Curitiba – PR, 28 a 31 de agosto de 2017. Disponível em: <[http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/25377\\_13796.pdf](http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/25377_13796.pdf)>. Acesso em: Jan. 2018.

AZEVEDO, A. et al. TICs na Educação: multivisões e reflexões coletivas. **Educação & Linguagem**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 215-236, jul.-dez. 2014. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/EL/article/download/.../4395>>. Acesso em: Jan. 2018.

CORRÊA, A. de A. A alfabetização tecnológica docente: uma ferramenta da educação. **Educ. Matem. Pesq.**, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 1057-1068, 2016. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/emp/article/viewFile/26073/pdf>>. Acesso em: Jan. 2018.

DUARTE JÚNIOR, J. F. **Por que arte-educação?** 5. ed. Campinas: Papyrus, 1998.

**Estágio curricular supervisionado VI: um relato de experiência sobre as TIC's em um espaço não escolar**

GOHN, M. G. Educação não-formal, educador(a) social e projetos sociais de inclusão social. **Rev. Meta: Avaliação**. Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 28-43, jan./abr. 2009.

LIBÂNEO, J. C. **Pedagogia e pedagogos para quê?** São Paulo, Cortez, 2002.

LIBÂNEO, J. C. Que destino os educadores darão à Pedagogia? In: PIMENTA, S. G. (Org.). **Pedagogia, Ciência da educação?** São Paulo: Cortez, 1996.

Recebido: 07/10/2021

Aprovado: 30/03/2021

Publicado: 01/05/2021